

# GEOHISTÓRIA DOS VEDAS: ESPAÇO, LINGUAGEM E CIÊNCIA

**Palavras-Chave:** Pensamento geográfico, Geografia histórica, Hinduísmo, Índia.

**Autores:**

**Jahan Natanael Domingos Lopes, IG – UNICAMP**

**Prof. Dr. Antonio Carlos Vitte (orientador), IG – UNICAMP**

---

## INTRODUÇÃO

*Quem sabe qual é a verdade,  
Ou quem pode declará-la aqui?  
Qual é o caminho adequado  
Que leva ao lugar das forças divinas?  
Apenas seus lugares inferiores são percebidos,  
Em localizações superiores misteriosas.<sup>1</sup>*

(Vedas, 2006, p. 50)

Em pauta de se aventurar na relação entre a geografia e a história, direciona-se um estudo aberto a partir da geohistória. Assente-se este fenômeno espaço-temporal alicerçado na obra do historiador, de substancial interesse geográfico, Fernand Braudel (1902-1985). Dessarte, encontra-se, nesse autor, uma circularidade entre as duas ciências: “Há uma maravilhosa história geográfica e uma vigorosa geografia histórica, que não podem ser colocadas na balança com a ecologia pontilhistas dos sociólogos.” (Braudel, 2009, p. 100). Por esse caminho, entrama-se uma prodigiosa abertura de tempos longos para a compenetração da espacialidade geográfica: “É evidente que na obra de Fernand Braudel trata-se da geografia histórica, uma geografia (como ele diz) que não é ‘um fim em si’, mas um ‘meio’ que permite ao historiador compreender melhor as situações e as evoluções passadas” (Lacoste, 1989, p. 176). O intento de compreensão de macrofenômenos, como a civilização, corresponde ao objetivo de perscrutação geohistórica, conforme se diz que: “As civilizações são espaços. As civilizações (seja qual for o seu tamanho, tanto as grandes como as medíocres) sempre podem localizar-se num mapa. Uma parte essencial de sua realidade depende das restrições ou das vantagens de sua localização geográfica.” (Braudel, 2004, p. 31). Nesse marco, o encontro da história com a geografia dá-se pela perspectiva espacial conduzindo-se à configuração histórico-geográfica.

Ao mais, estabelece-se também a orientação estrutural para a compreensão do feixe de fenômenos interligados em um desvelar geohistórico. Nesse sentido, define-se: “[...] uma estrutura oferece um caráter de sistema. Ela consiste em elementos tais que uma modificação de qualquer de um

---

<sup>1</sup> Tradução livre de: “Who knows what is the truth, / Or who may here declare it? / What is the proper path / That leads to the place of divine forces? / Only their inferior abiding places are perceived, / In superior mysterious locations.”

deles acarreta uma modificação de todos os outros. ” (Lévi-Strauss, 1996, p. 316). Em mesmo escopo de condução da história a partir da sistemática do cotidiano vivido, alçando uma indução estrutural, atenta-se que: “as estruturas do cotidiano de Fernand Braudel viabilizavam a existência de uma História estrutural, mesmo que o seu conceito de estrutura não fosse o mesmo que o de Claude Lévi-Strauss” (Rocha, 1995, p. 246). Ademais, ainda em prospecção de método, orienta-se a uma relação de múltiplas escalas temporais para a complexão geohistórica, ao passo da “*dialética* peculiar à história, fundada na diversidade dos próprios tempos históricos: tempo rápido dos acontecimentos, tempo esticado dos episódios, tempo lento, preguiçoso, das civilizações. ” (Braudel, 2004, p. 20, destaque do autor). Por mais, vislumbra-se a asserção de ter nos passos estrutural, indutivo e escalar as diretrizes para os segmentos de aplicação prática.

Neste trabalho, visou-se a um olhar para a Índia, em especial para a milenar sociedade védica. Com os delineamentos do método geohistórico, localiza-se um tempo longo, segundo a seguinte escalaridade: “A história da Índia é geralmente dividida em cinco fases: civilização do Vale do Indo (3500 a.C. a 1800 a.C.); idade védica (1500 a.C. a 600 a.C.); período pós-védico (600 a.C. a 1100 d.C.); período medieval (1100 d.C. a 1850 d.C.); idade moderna (1850 d.C. até o presente).”<sup>2</sup> (BSS, 2016, p.

7). Em específico, tratando-se da idade védica, intenta-se observar um pujante momento histórico-geográfico da Índia. Por mais, afere-se a um recorte espaço-temporal de suma importância ao pensamento humano, haja vista que: “a civilização védica original da Índia deixou para trás apenas poucos registros que podem aguçar o apetite histórico ocidental.

**Quadro 1.** Cronologia de escrita dos textos védicos

Textos	Datas
<i>Samhitas</i>	1300 a 1000 antes de Cristo
<i>Brâmanas</i>	872 a.C. até 772 a.C.
<i>Upanishads</i> (antigos)	800 a.C.
<i>Sutras</i>	500 a.C. até 500 depois de Cristo
<i>Mahabharata</i>	400 a.C. até 400 d.C.
<i>Ramayana</i>	274 a.C. até 237 a.C.
<i>Puranas</i>	350 d.C.
<i>Tantras</i>	527 d.C.

Fonte: (Tinoco, 1992, p. 40, modificado)

[...] [todavia] os indianos védicos consideravam *insights* filosóficos precisos mais importantes do que ordem cronológica e rotinas” (Swami, 2019, p. 45). Isso posto, interroga-se um horizonte de proeminentes simbolismos, através da condução de arquétipos humanos vastos em toda a trama de obras védicas. Em desvelamento, observa-se no Quadro 1 em um rol que em conjunto são os *Vedas*.

Nesse sentido, colima-se, neste estudo, aprofundar nas obras védicas e, em uma perscruta acurada, nos *Samhitas*. Essa leitura abarca quatro livros: “*Rigveda* (é o Veda mais antigo, com uma coleção de hinos); *Samveda* (é uma coleção de canções, em sua maioria retiradas do *Rigveda*); *Yajurveda* (é uma coleção de fórmulas de sacrifícios) e *Atharvanaveda* (é uma coleção de feitiços e amuletos).” (Araujo, 2021, p. 98). Desse modo, busca-se situar uma delimitação histórico-geográfica na qual o interregno da busca encontra-se no pensamento indiano. Assim sendo, elenca-se antever que: “A filosofia indiana, assim como a ocidental, fala-nos da estrutura e das potências mensuráveis da

<sup>2</sup> Tradução livre de: “*History of India is generally divided into five phases 1: Indus Valley civilization (3500 BC to 1800 BC); Vedic age (1500 BC to 600 BC); Post-Vedic period (600 BC to 1100 AD); Medieval period (1100 AD to 1850 AD); Modern age (1850 AD to present)*”.

psique, analisa as faculdades intelectuais dos homens e as operações de sua mente, avalia várias teorias do entendimento humano” (Zimmer, 2012, p. 21). Ainda, quer-se aqui compenetrar na própria visão indiana sobre si mesma, conduzindo-se ao mundo indo-geográfico mediante a sedição de seus textos milenares.

## ÍNDIA VÉDICA, UMA ESTRUTURA DE ARQUÉTIPOS

*Toda a raça humana foi visualizada na forma de um único ser humano. Algumas das questões eram: em quantas partes esta sociedade concebida pelo homem estava dividida? Qual era a boca dele? e quais eram seus braços? O que representava suas coisas e quais eram seus pés? Nesta concepção da sociedade humana como um homem, os Brahmanas (classe sacerdotal), altamente intelectuais, eram considerados a boca, enquanto os Kshatriyas, que eram os administradores e guerreiros, representavam as armas. Os Vaishyas que eram artesãos, comerciantes e agricultores correspondiam à região abdominal e às coxas, enquanto os Shudras da sociedade eram associados aos pés desta sociedade de concepção humana.<sup>3</sup>*

(Vedas, 2006, p. 44)

A sociedade indiana é fruto do simbolismo concebido em suas obras védicas. Desse modo, afere-se dizer que: “os rituais védicos podem ter marcado a gênese de alguns dos traços mais distintivos da sociedade, cultura e ciência antigas da Índia. ” (Araujo, 2021, p. 125). Tal como prenuncia a nota epigráfica, conduz-se a noção de castas delimitadas a partir de uma concepção de um homem primordial – o espírito puro – desmembrado nos tipos sociais. Neste ponto, desvela-se ainda mais a concepção de arquétipo, haja vista a conceituação “de arquétipo, que constitui um correlato indispensável da ideia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar. ” (Jung, 2000, p. 53). Nesse percalço, assenta-se a orientação humana de profusão dos simbolismos para alçar ideias coletivas. Por mais, depreende-se que: “civilizações rudimentares que nos reportam aos períodos arcaicos das nossas próprias civilizações, são já, não obstante, um ponto de chegada, um resultado de progresso, para os quais contribuíram visivelmente a iniciativa, a vontade e o sentimento artístico. ” (La Blache, 1954, p. 276). Conforme o intento de entranhar-se na sociedade védica, encontra-se a própria civilização humana indicando suas origens relacionais com a natureza, mediante ao espaço circundante e à linguagem como codificações.

Em retomada histórico-geográfica, as regionalidades indianas estão atreladas ao curso de constituição territorial. Doravante, confirma-se a sociedade védica como fluxo humano assentando-se na planície indo-gangética; por conseguinte, durante a “Índia védica [...] dois milênios são dominados pela invasão e instalação de povos arianos vindos do Turquestão e que, chegando à Índia pelo Noroeste, se infiltram lentamente através das planícies do Médio Indo e, depois, do Médio Ganges. ” (Braudel, 2004, p. 214). Assim, a sociedade védica torna-se a sociedade bramânica, pela sedentarização completa dos arianos e pela marginalização dos povos originários em postos de poder por todo o subcontinente.

---

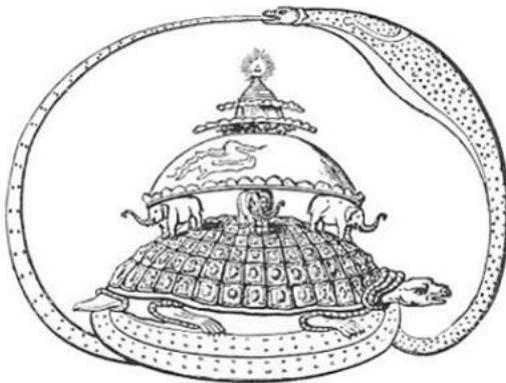
<sup>3</sup> Tradução livre de: “*The entire human race was visualised in the form of one human being. Some of the questions were: Into how many parts was this man-conception society divided? What was his mouth? and what were his arms? What represented his things and what were his feet? In this conception of human society as a man, the highly intellectual Brahmins (priestly class) were regarded as the mouth, While the Kshatriyas, who were the administrators and warriors, represented the arms. The Vaishyas who were artisans, traders and agriculturists correspond to the abdominal region and the thighs, While the Shudras of the society were associated with the feet of this man-conception society.*”

Dessarte, afirma-se também que: “A escola migratória tomava como certo, que falantes de sânscrito, que criaram os *Vedas*, mudaram-se para a Índia após o declínio da IVC [Civilização do Vale do Indo], de modo que os dois povos tiveram pouca ou nenhuma interação.” (Araujo, 2021, p. 91). Com isso, verifica-se uma relação da história não só com o movimento espacial humano, mas também com a linguagem materializando-se nos *Vedas*: “o *Rig-veda*, um texto ariano que relata as batalhas com os povos locais os quais resistiam ao avanço dos invasores. Essas batalhas desenrolaram-se até depois do ano 1000 (a.n.e). Já o *Sama-veda*, o *Yajur-veda* e o *Atharva-veda* narram o período da fusão cultural.” (Follmann; Scarlatelli, 2006, p. 21). Nota-se, então, uma congregação conceitual entre o espaço e a linguagem, da externalidade física à internalidade espiritual. Essa é a Índia, um complexo circular entre o homem e a natureza. Além disso, pode-se descrever uma trama de paisagens diferenciais em círculo:

Para o indianista Hermann Goetz, duas Índias se opõem: a Índia úmida das chuvas fortes, dos lagos, dos pântanos, das plantas e flores aquáticas, das florestas e das selvas, a Índia dos homens de pele morena; e, contrastando com ela, a Índia relativamente seca que compreende o médio Indo e o médio Ganges e se prolonga através do Decão: esta, domínio de homens de pele clara, frequentemente belicosos. A Índia é o diálogo, a luta desses dois espaços, dessas humanidades. (Braudel, 2004, p. 32).

Levando em conta essa trama, complexifica-se uma sociedade de inteligência humana de sumo comprometimento aos entendimentos da vida e da alma. Isso ao retomar dos simbolismos conforme a própria cosmologia do mundo, visto na Figura 1, sendo um: “Modelo cosmográfico dos Vedas da Antiga

Figura 1. Modelo da Antiga Índia



Fonte: (SOBREIRA, 2005, p. 30)

Índia. A Terra seria um hemisfério apoiado por quatro elefantes que representam os pontos cardeais, a tartaruga significava a paciência do criador pela lenta passagem do tempo e a serpente era o símbolo da eternidade.” (Sobreira, 2005, p. 30). Por essa perspectiva, rente aos símbolos há os significados transpassando uma orientação de explicação arquetípica do mundo geográfico. Com ênfase, alude-se que: “Um símbolo ctônico da transcendência ainda mais importante e mais conhecido é o motivo das duas serpentes entrelaçadas. São as célebres serpentes naja da Índia antiga; encontramos-las também na Grécia, entrelaçadas no bastão do deus Hermes.” (Jung, 2008, p. 154). Esse caminho de estruturação de arquétipos promove antever a própria Índia como uma tessitura do espaço com a linguagem mediada pelos simbolismos para transformá-los em ciência.

Em último aprofundamento geohistórico, conectar-se deve o passado com o presente em um movimento de ter-se, em atualidade geográfica, a presença do fato histórico. Nesse sentido, há ainda hoje a vontade de conquista inspirada pelos dois épicos védicos: “o *Mahabharata* sobrevive na imaginação popular como um dinossauro fossilizado; o *Ramayana* ainda está vivo – [...] Invocando ruidosamente o Senhor Rama, em 1992, ativistas vestidos de açafraão atacaram devidamente a mesquita *Ayodhya*.” (Araujo, 2021, p. 144). Também, em contexto geral dos *samhitas* védicos, há a elevação de patrimônio mundial da sua milenar recitação cantada na língua original do sânscrito: “Esse método de

recitação dos *Vedas* foi reconhecido oficialmente pela UNESCO, no dia 7 de novembro de 2003, como uma obra-prima do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. ” (Martins, 2011, p. 5). Por mais, elenca-se afirmar a importância de esvair-se de pensamentos preconceituosos ao se aventurar na obra védica, sendo influentes desde o passado vigoroso das migrações e guerras indianas à atualidade pujante do nacionalismo e do turismo indianos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em busca de compenetrar-se na Índia védica (1500 a.C. a 600 a.C.), abriu-se uma configuração geohistórica entre os conceitos de espaço, linguagem e ciência. O marco espacial da sociedade védica está na migração dos arianos, consolidados como brâmanes na planície indo-gangética – com ênfase na região do Punjab. Isso em um movimento de expulsão à marginalidade dos povos da civilização do vale do indo. Além disso, consolida-se a linguagem decodificadora do espaço indiano a partir da obra védica, aqui enfatizando-se as quatro obras *samhitas*: *Rigveda* (dos hinos), *Samveda* (das canções), *Yajurveda* (dos rituais) e *Atharvanaveda* (dos feitiços). Neles, encontra-se uma amplitude de simbolismos marcando uma estruturação por arquétipos das espacialidades social e natural do mundo geográfico. Espera-se, por fim, convidar os leitores a um pensar crítico sobre o mundo extra-ocidental e, quem sabe, levando-o a uma revigorante ousadia na perspectivação de estudos outros.

## AGRADECIMENTOS

Esse trabalho teve auxílio de pesquisa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), segundo o processo nº 2023/11285-8. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

## BIBLIOGRAFIA

- ARAUJO, Tania. **História da Índia Antiga**. Rio de Janeiro/Distrito Federal: Clube de Autores, 2021.
- BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BRAUDEL, Fernand. **Gramática das civilizações**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BSS – Breakthrough Science Society. **Science in ancient India: reality versus myth**. Kolkta: BSS, 2016.
- FOLLMANN, José; SCARLATELLI, Cleide. Lições milenares do oriente hinduísta para uma conduta ética na sociedade de hoje. **Revista de Estudos da Religião**, n. 4, p. 18-42, 2006.
- JUNG, Carl. **O Homem e seus Símbolos**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- JUNG, Carl. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- LA BLACHE, Paul. **Princípios de geografia humana**. Lisboa: Edições Cosmos, 1954.
- LACOSTE, Yves. Braudel geógrafo. In: LACOSTE, Yves et al. **Ler Braudel**. Campinas: Papyrus, p. 175-219, 1989.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1996.
- MARTINS, Roberto. As dificuldades de estudo do pensamento dos Vedas. In: FERREIRA, Mário; GNERRE, Maria; POSSEBON, Fabricio (Org.). **Antologia Védica**. Edição bilingue: sânscrito e português. João Pessoa: UFPB, p. 113-183, 2011.
- ROCHA, Antonio. F. Braudel: tempo histórico e civilização material. Um ensaio bibliográfico. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v. 3, n. 1, p. 239-249, 1995.
- SOBREIRA, Paulo. Cosmografia geográfica: a astronomia no ensino de Geografia. **Tese** (doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, FFLCH-USP, São Paulo, 2005.
- SWAMI, Devamrita. **Em busca da Índia védica**. Pindamonhangaba: The Bhaktivedanta Book Trust, 2019.
- VEDAS. **The Holy Vedas: Rig Veda, Yajur Veda, Sama Veda and Atharva Veda**. Hawthorne: Publishing Corporation, 2006.
- ZIMMER, Henrich. **Filosofias da Índia**. 5ª ed. São Paulo: Palas Athena, 2012.